

RELEITURA DA TRADIÇÃO NAS *SÁTIRAS* DE PÉRSIO

Marihá Barbosa e CASTRO*

Leni Ribeiro LEITE**

- **RESUMO:** Este artigo investigará de que modo Pérsio, autor do período neroniano, muitas vezes criticado por sua obscuridade e preterido pela crítica acadêmica, oferece em suas *Saturae* um novo estilo para o gênero sátira ao emular a tradição, retomando temas comuns tanto a Lucílio como a Horácio, tais como a delimitação da audiência, a *libertas* e a valorização da romanidade e da *latinitas*. Desse modo, pretende-se também demonstrar que o estudo da obra de Pérsio e de sua releitura da tradição é essencial para a compreensão da formação do gênero sátira em Roma, criando-se elementos que serão fundamentais para satiristas da posterioridade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Horácio. Lucílio. Pérsio. Sátira. Tradição.

A sátira hexamétrica, considerada um gênero genuinamente romano, se caracterizava pela presença da mistura e da variedade, conforme indica a investigação etimológica do termo *satura* (HANSEN, 2011). Dentre os diversos elementos que a compõem estão as críticas aos gêneros elevados e a discussão sobre estilo e dicção; as denúncias dos vícios e defesa da virtude e da moralidade; as constantes referências à comida e, principalmente, banquetes; a valorização da romanidade; e a apropriação e mescla de diversos discursos e gêneros literários, como o discurso filosófico, representado principalmente pela diatribe, a comédia e a poesia iâmbica. Considera-se que o fundador do gênero tenha sido Caio Lucílio, que viveu durante a república romana e escreveu trinta livros de sátiras, dos quais há apenas cerca de mil e trezentos versos. Lucílio foi sucedido por Quinto Horácio Flaco, poeta augustano do círculo de Mecenas, que criticou a sátira luciliana, fundando novos paradigmas para o gênero ao valorizar a elegância, a *urbanitas*, a *amicitia* e o estilo conciso, mas claro e prosaico.

Aulo Pérsio Flaco, sucessor de Horácio na tradição satírica romana, escreveu seis sátiras hexamétricas, além de quatorze versos em metro coliambo comumente

* UFES – Universidade Federal do Espírito Santo – Centro de Ciências Humanas e Naturais – Departamento de Línguas e Letras – Vitória – ES – Brasil. 29075-073 – marihacastro@gmail.com.

** UFES – Universidade Federal do Espírito Santo – Centro de Ciências Humanas e Naturais – Departamento de Línguas e Letras – Vitória – ES – Brasil. 29075-073 – leni.ribeiro@gmail.com

concebidos como um prólogo. Viveu durante o principado de Nero e criticou em seus poemas a literatura que lhe era contemporânea. Seu estilo, permeado de metáforas, neologismos e vulgarismos, é condensado, considerado obscuro, tendo sido objeto de admiração e interesse desde a Antiguidade. A quantidade de comentários e alusões às suas *Saturae* indica a popularidade da obra: Marcial insinua que, apesar de pequena, a obra de Pérsio é notável¹ e Quintiliano (*Inst. Or.*, 10, 1, 94) aponta Pérsio como um satirista do mesmo nível de Horácio. Entre os autores romanos, Pérsio era um dos mais admirados pelos doutrinadores cristãos, tendo sido citado cinco vezes por Lactâncio, dez vezes por Santo Agostinho e vinte vezes por São Jerônimo, que louvou não só a doutrina moral presente nos poemas, como também o estilo das sátiras de Pérsio (MORFORD, 1984, p. 98-99). Conhecido pelo historiador Beda e pelo escritor Alcuíno de Iorque, ele era lido por estudiosos em todas as partes da Europa (MORFORD, 1984, p. 99), o que demonstra que a sua obscuridade não teria sido uma desvantagem para seus leitores.

São ainda testemunhos de sua popularidade uma considerável quantidade de manuscritos remanescentes, além do fato notável de que, a partir da invenção da imprensa, mais cópias de suas sátiras foram produzidas, estando a obra entre os primeiros livros impressos (MORFORD, 1984, p. 100). Contabilizam-se aproximadamente 378 edições da obra publicadas na Europa antes de 1800, tendo sido a mais importante delas a de Isaac Casaubon, que editou as *Saturae* em 1605 e elaborou uma defesa do satirista nos *Prolegomena*, anexos aos poemas. O prestígio de Pérsio começou a rarear durante o Renascimento, período em que alguns modelos dos clássicos gregos e romanos ganharam mais destaque entre artistas e literatos, e, já no século XVIII, o satirista neroniano estava rebaixado ao *status* de poeta menor (MORFORD, 1984, p. II). Desde então, a obra tem ganhado pouca atenção no meio acadêmico, apesar de sua fundamental importância para o estabelecimento da sátira romana e de sua estilística característica².

Pérsio, colocando-se na tradição, declara-se herdeiro da poesia satírica de Lucílio e Horácio. Entretanto, a sátira passou por notórias transformações em sua obra – transformações que tiveram grande impacto na própria continuidade do gênero. Fato é que a sátira deve em grande parte sua variedade e pouca uniformidade à liberdade dos poetas em remodelar alguns aspectos da tradição que lhes chega às mãos. Essa característica nos leva a acreditar que uma compreensão que se pretenda completa da sátira romana não pode deixar de considerar as individualidades e

¹ 4.29.7-8: *Saeptus in libro numeratur Persius uno/ quam leuis in tota Marsus Amazonide*. “Mais vezes Pérsio foi estimado por um único livro/ que o medíocre Marso em toda a sua Amazona” (Trad. Robson Tadeu Cesila, 2004).

² Estudos dedicados inteiramente ao gênero sátira dão pouca relevância e atenção para o autor, chegando a não incluí-lo no *corpus* de obras analisadas, como é o caso do livro *The Literature of Satire* (2004), de Charles Knight.

contribuições de cada um dos autores que colaborou para a formação do gênero. É, portanto, necessário que se revisite e analise a obra de Pérsio não apenas com o intuito de dar espaço a um poeta preterido, mas também com o objetivo de compreender melhor o gênero sátira.

Pérsio foi receptor de uma tradição satírica marcada profundamente por uma dialética intrínseca ao gênero, com a qual ele precisou negociar e frente à qual ele precisou se posicionar em seu próprio fazer poético. Como veremos adiante, Pérsio registrou em sua sátira a preocupação com seu lugar na tradição e apontou para a relação de sua obra com os trabalhos de seus predecessores Lucílio e Horácio.

Fiske (1909, p. 121) defende que é possível investigar alguns traços do primeiro satirista na obra de Pérsio por meio de evidências tanto internas quanto externas. As evidências externas seriam os comentários dos próprios antigos sobre as sátiras de Lucílio e a *Vita Persii*³, que informa sobre a motivação determinante que Lucílio exerceu sobre Pérsio na escolha do gênero⁴. As influências internas são as proximidades visíveis entre alguns versos de Pérsio e os fragmentos supérstites da sátira luciliana. Lucílio funciona como um modelo direto para Pérsio, influenciando tanto o estilo como os temas: é clara, por exemplo, a relação entre o trecho “então a letra canina do nariz ressoa”⁵ (Pers., I, 109-110)⁶ e os fragmentos 3-4: “a letra r, que um cão irritado diz melhor que um homem”⁷ (LUCILIUS, 3-4 apud WARMINGTON, 1938, p. 2)⁸. O satirista é então comparado a um cão iracundo⁹ que rosna, metáfora que muito bem se encaixa ao estilo invectivo de Pérsio, em que o vício é atacado com um riso doloroso, contrário ao anódino horaciano¹⁰.

A ferocidade e a *libertas* luciliana são alvos de Pérsio: embora seu estilo não seja condescendente e urbano¹¹ como o de Horácio, o poeta também critica a

³ Trata-se de uma biografia do poeta trazida muitas vezes pelos manuscritos junto de suas sátiras cuja autoria é tradicionalmente atribuída a Valério Probo.

⁴ A *Vita Persii* atribui a vontade de escrever sátira de Pérsio à leitura do livro X de Lucílio.

⁵ Todas as traduções de Pérsio, neste trabalho, são de nossa autoria.

⁶ *sonat hic de nare canina/ littera* (Pers., I, 109-110).

⁷ Tradução nossa.

⁸ “*r littera inritata canes quam homo quam planius dicit*” (Lucilius, 3-4 In: WARMINGTON, 1938, p. 2).

⁹ Ainda que no trecho original iracunda seja a letra (*littera inritata*) e não o cão (*canes*), entendemos, com Warmington e outros tradutores, que o autor faz uso de hipálage, deslocando para outro ser, um ser inanimado, a letra, o adjetivo que pertenceria a um ser. Esta figura já é assim chamada por Cícero (*Orat.*27.93) e por Quintiliano (*Inst.Or.*8.6.23), que a aproximam da metonímia. Assim, sustenta-se a interpretação de que o cão é metáfora para o satirista.

¹⁰ Para uma discussão sobre os tipos de riso, cf. OLIVA NETO (2003).

¹¹ Segundo Hooley (2007, p.35), “Horácio está assumindo o papel de uma espécie de professor; ele quer ser um professor bem-amado; ele adota uma atitude condescendente em relação a seus estudantes (alunos = Mecenas e os leitores), mas ainda mantém sua temeridade dentro dos limites

violência do ataque luciliano, comparado a uma mordida que resulta na perda do próprio dente: depois de castigar Roma, Lupo e Múcio, Lucílio “quebrou neles o molar” (Pers., I, 115). Para Tzounakas (2005, p. 562), um dente quebrado sugere uma mutilação, perda da integridade física e, em um nível metafórico, conotações de moral e retidão são associadas como parte dessa integridade. A causa do molar quebrado pode ser associada tanto à violência como ao caráter aberto da invectiva, que revela o nome de seus alvos. A possibilidade de atacar seus contemporâneos abertamente está associada à *libertas* luciliana, condição de escrita de sua sátira que não se repetiu plenamente para Horácio e Pérsio. É possível observar, portanto, também em Pérsio a crítica ao modelo luciliano, tópico recorrente na poesia satírica de Horácio.

É abundante a presença de Horácio na obra de Pérsio, que desenvolveu frases, palavras, situações e temas sobre linhas horacianas. Não é apenas alusivo, pois se pode dizer que sua sátira não seria possível sem seu antecessor augustano: segundo Hooley (2007, p. 89), cada linha de Pérsio tem algo de Horácio, o que torna sua obra substancialmente paradoxal, pois, de modo geral, o poeta neroniano possui um efeito satírico muito distante do horaciano, que é conversacional, urbano, de sintaxe e intenções claras. Pérsio, por sua vez, é denso, abrasivo, difícil, de linguagem e estruturas obscuras, experimental e imagético. Horácio se torna ao mesmo tempo um ponto de inspiração e de afastamento radical. Em sua briga genérica, Pérsio não anuncia suas diferenças programáticas, mas as demonstra por meio de uma profunda deformação do modelo de seu antecessor que, de forma diversa, constrói o seu próprio modelo do gênero mediante crítica direta ao estilo de Lucílio, sugerindo o equilíbrio na composição da sátira e assumindo um papel de professor que adota uma postura amigável:

Vamos avante: porque enfim gracejos
Não têm aqui lugar. – E que me tolhe
Dizer, rindo, a verdade? Assim confeitos
Aos meninos reparte afável mestre
Para que o abecê de grado aprendam (Hor., *S. I.1*, 23-26)¹².

aceitos socialmente, os limites de fato prescritos pela piada” (*Horace is assuming a role as a teacher of sorts; he wants to be a well-liked teacher; he adopts a condescending attitude toward his students (schoolkids = Maecenas & readers), yet keeps his temerity within acceptable social bounds, the limits in fact prescribed by the joke*).

¹² “*Praeterea, se sic, ut qui iocularia, ridens/percurram: quamquam ridentem dicere verum/ quid vetat? ut pueris olim dant crustula blandi/ doctores, elementa velint ut discere prima*” (Hor., *S. I.1*, 23-26). Todas as traduções das Sátiras de Horácio neste trabalho, exceto quando indicado, são de Antônio Luís Seabra (HORÁCIO; OVÍDIO, 1970).

A postura de Horácio diante de seus amigos é de repreendê-los de modo espirituoso, provocando-lhes o riso: sua abordagem suave assinala os vícios, mas sem esboçar nenhuma tentativa de solucioná-los; ele oferece um diagnóstico que não aponta o tratamento. Tzounakas (2005, p. 566) afirma que

*Both Persius' philosophical orientation and the very times in which he lived call for a different, more drastic approach to the vicia than the one found in Horace, which, examined in the light of the new conditions, appears inefficient*¹³.

Pérsio, portanto, não se limita ao riso de seu antecessor, chegando à gargalhada: “Então, então... Desculpe! Estou morrendo de rir... Não queria, fazer o que! Tenho o baço petulante!” (Pers., I, 11-12)¹⁴. Enquanto Lucílio ataca a cidade e briga com cidadãos eminentes e Horácio brinca, fazendo seus amigos rirem, o satirista em Pérsio rejeita e condena a sociedade e os retiros: “Aqui, então, vou enterrar-me. Eu vi, eu mesmo vi, ó, livrinho: qual deles não tem orelhinhas de asno?” (Pers., I, 120-121)¹⁵. Pérsio estabelece seu próprio lugar no curso da evolução do gênero satírico: por meio de uma declarada oposição à *rusticitas* de Lucílio e à *urbanitas* de Horácio, ele se afirma uma outra coisa, o *semipaganus* do Prólogo¹⁶, que, no entanto, utiliza, deformando, as obras dos mesmos Lucílio e Horácio. Para avaliar com maior clareza o modo como Pérsio interagiu com a tradição satírica romana, especificamente Lucílio e Horácio, selecionamos, para observar mais de perto, três tópicos recorrentes nas obras dos três satiristas: a seleção da audiência, a *libertas* e a *latinitas*.

Seleção da audiência

Os três satiristas romanos de que nos ocupamos se preocuparam em apontar para que público seus poemas estavam direcionados. O *topos* da audiência limitada é comum entre os satiristas, que se colocam como uma opção oposta à moda literária e assinalam, ainda, que a escrita da sátira é um exercício que oferece riscos. No fragmento 632-4 (WARMINGTON, 1938, p. 200), Lucílio afirma escrever para um interlocutor mediano, recusando o vulgo demasiadamente ignorante e também os muito doutos. Horácio, na sátira I,4, alega temer recitar seus versos em público porque supõe que, em uma sociedade degradada, o vício é patrimônio comum.

¹³ Tanto a orientação filosófica quanto o próprio tempo em que viveu Pérsio pedem por uma abordagem diferente e mais drástica dos *vicia* do que aquela encontrada em Horácio, o qual, examinado sob a luz de novas condições, aparenta ser ineficiente (TZOUNAKAS, 2005, p. 566).

¹⁴ “*tunc tunc – ignoscite (nolo, / quid faciam?) sed sum petulanti splene – cachinno*” (Pers., I, 11-12)

¹⁵ “*hic tamen infodiam. uidi, uidi ipse, libelle: / auriculas asini quis non habet?*” (Pers., I, 120-121).

¹⁶ “*ipse semipaganus / ad sacra vatum carmen adfero nostrum*” (Pers., Prol. 6-7). Tradução: “eu, um semipagano, / aos ritos dos vates levo o meu próprio canto”.

Horácio justifica ainda sua audiência reduzida devido à escassez de homens virtuosos em Roma e, antes mesmo, na sátira I,1, enquadra seu público, que estaria rindo do vício alheio esquecendo-se do próprio: “Pois que? Tu ris? – A fábula te quadra,/ Basta trocar-lhe o nome” (vv. 69-70)¹⁷. O satirista, portanto, incomoda: ainda na sátira I. 4, Horácio dá voz ao público, que o acusa de não poupar ninguém, nem mesmo os amigos:

Tal gente o verso teme, e o vate odeia:
Traz feno sobre o corno; arreda, arreda!
Bem que do amigo à custa apraz-lhe o rir-se:
E não descansa enquanto não embute
A quantos topa, ou vem do forno, ou fonte,
Velhos, rapazes, o que em seu canhenho
Com indiscreta mão trêfego escreve (Hor., S. I, 4, 33-38.)¹⁸.

O poeta questiona a fala do povo e recusa a crítica que lhe fora feita a respeito do rir-se à custa dos amigos:

Mas dizes que um malvado sou, que folgo
De molestar, que a ninguém perdoou,
Donde houveste o virote que me atiras?
De algum dos que vivido hajam comigo? (Hor., S. I, 4, 78-81)¹⁹.

A sátira horaciana possui como característica particular a valorização da *amicitia*²⁰. Em sua autodefesa, Horácio elabora os valores da *amicitia* e aponta os

¹⁷ “*quid rides? mutato nomine de te/fabula narratur*” (Hor., S. I, 1, 69-70).

¹⁸ “*omnes hi metuunt versus, odere poetas./ faenum habet in cornu: longe fuge! dummodo risum/ excutiat sibi, non hic cuiquam parcat amico;/ et quodcumque semel chartis illeverit, omnis/ gestiet a furno redeuntis scire lacuque et pueros et anus!*” (Hor., S. I, 4, 33-38).

¹⁹ “*Laedere gaudes’/ inquit, ‘et hoc studio pravus facis.’ Unde petitum/ hoc in me iacis? est auctor quis denique eorum/ vixi cum quibus?*” (Hor., S. I, 4, 78-81)

²⁰ Segundo Wiedeman (2003, p. 15), o conceito de *amicitia* para os romanos guardava relações assimétricas que apontam para a própria interação entre patrono e cliente. Era um pressuposto que o bom amigo ajudasse não somente com conselhos, mas também com dinheiro e com o uso de sua própria influência em benefício do outro. A *amicitia*, portanto, mais do que a relação singela de amizade era uma instituição social importante em Roma que atribuía a ambas as partes obrigações, sendo um aspecto da vida pública do cidadão romano. A relação de Horácio com Mecenas e Otávio Augusto e a frequente citação de ambos em seus *Sermones* assinala essa proximidade da *amicitia* e do patronato.

verdadeiros atos de traição da amizade dos quais o leitor deve realmente fugir: o satirista apenas “diz, rindo, a verdade”, sendo esta uma atitude de um bom amigo (Hor., S. I, 4, 81-85). Os valores da *amicitia* são usados, em Horácio, para perpetuar o tema luciliano da audiência reduzida e da não ambição de grandiosidade poética e fama para a sátira; é desta forma que Horácio seleciona o seu público – rejeita, assim como Lucílio, o vulgo ignorante, mas, por outro lado, coloca como oposto Tigélio Hermógenes, representante da recitação dos gêneros elevados, igualmente odioso:

Nenhum pilar, nenhuma lógea ostenta
As obras minhas: nem as mãos do povo,
Ou de Tigélio Hermógenes as seba:
Nem onde quer, nem a qualquer as leio;
Aos amigos apenas, e inda a custo (Hor., S. I, 4, 70-74)²¹.

Elaborando ainda mais a crítica, Horácio vira-se para os poetas que procuram pela fama a qualquer custo e sem preocupar-se minimamente com a qualidade de seus versos; o satirista aponta para a vaidade que os condena:

Muitos vão recitar no foro as obras,
Outros ao banho, porque mais suave
Ressoa a voz na abóbada cerrada:
Isto ao vaidoso apraz, e não lhe importa
Se com acerto faz, e em próprio tempo (Hor., S. I, 4, 74-78)²².

Pérsio, amalgamando a tradição que o precede, em sua primeira sátira amplia a crítica contida nesses versos de Horácio, mas incluindo já no primeiro verso do poema uma citação direta a Lucílio²³: o contexto parece ser o de leitura em voz alta, mas o satirista, que alude ao inventor da sátira, deixando clara, assim, sua filiação genérica, é interrompido por um interlocutor:

²¹ “*nulla taberna meos habeat neque pila libellos,/ quis manus insudet volgi Hermogenisque Tigelli;/ nec recito cuiquam nisi amicis, idque coactus,/ non ubivis coramve quibuslibet*” (Hor., S I, 4, 70-74).

²² “*in medio qui/ scripta foro recitent, sunt multi, quique lavantes:/ suave locis voci rressonat conclusus. inanis/ hoc iuvat, haud illud quaerentis, num sine sensu,/ tempore num faciant alieno*” (Hor., S. I,4, 74-78).

²³ “*O curas hominum! O quantum est in rebus inane!*” (LUCILIUS, 2 apud WARMINGTON, 1938, p. 2).

— Quantos lerão isto?

Tu perguntas isso pra mim? Por Hércules, ninguém!

— Ninguém?

Ou uns dois ou ninguém!

— Que indigno e lamentável!

Por quê? Porque Polidamante e as troianas preferiram Labão a mim? Besteiras! Se a perturbada Roma desprezar alguma coisa, que tu não aceites o juízo corrupto que vem de tal balança, ou então o corrijas; e espero que nem mesmo o tenhas procurado fora de ti. (Pers., I, 2-7)²⁴.

O *topos* é o da audiência reduzida: os poemas serão lidos por poucos, podendo chegar a ser completamente ignorados. O interlocutor considera lamentável o descrédito, mau sinal para a sátira, mas é prontamente rebatido pelo poeta, que caracteriza Roma como incapaz de emitir um julgamento aceitável e idôneo sobre literatura. O adjetivo *Troiades*, referindo-se aos romanos, insinua o efeminamento dos cidadãos, que preferem ao satirista o poeta Labão, contemporâneo de Pérsio que teria traduzido muito mal a *Iliada* e a *Odisseia*, mas, mesmo assim, obtido fama (BO, 1967, p. 85). De certa forma, Pérsio reafirma o que disse Horácio quando alegou serem poucos os virtuosos que não seriam tocados pelos ataques aos vícios promovidos por seus *Sermones*: também na Roma neroniana poucos seriam os capazes de apreciar a sátira, pois o gosto literário estava degenerado.

A ampliação dos versos horacianos sobre os autores vaidosos que recitam seus poemas sem preocupação com a qualidade dos versos, no foro e até mesmo nos banhos, pode ser identificada ainda na primeira sátira:

Sem dúvidas, tu, pálido, bem penteado, usando a toga fresca e, enfim, o anel natalício enfeitado de sardônica, da cadeira alta lerás essas coisas para o povo, após limpar a garganta macia com uma tosse afetada, virando os olhinhos. E então verás os ingentes Titos comoverem-se, mas não pela decência ou pela voz serena, mas sim quando os cantos penetrarem as bundas e as intimidades forem afagadas pelo verso trêmulo. (Pers., I, 15-21)²⁵.

²⁴ “*quis leget haec? min tu istud ais? nemo hercule. ‘nemo?’ / uel duo uel nemo. ‘turpe et miserabile.’ quare? / ne mihi Polydamas et Troiades Labeonem/ praetulerint? nugae. non, si quid turbida Roma/ eleuet, accedas examenue inprobum in illa/ castiges trutina nec te quaesiueris extra*” (Pers., I, 2-7).

²⁵ “*scilicet haec populo pexusque togaque recenti/ et natalicia tandem cum sardoniche albus/ sede leges celsa, liquido cum plasmate guttur/ mobile conlueris, patranti fractus ocello./ tunc neque more probo uideas nec uoce serena/ ingentis trepidare Titos, cum carmina lumbum/ intrant et tremulo scalpuntur ubi intima uersu*” (Pers., I, 15-21).

Novamente os romanos são caracterizados como efeminados, e a recitação ganha um valor metafórico de conotação sexual que a aproxima de uma orgia: há, então, a associação direta entre a degeneração do gosto literário e a corrupção da moralidade, tema que Pérsio trabalha de forma intensa.

Ao selecionar seu público, Pérsio retoma novamente a sátira I, 4 de Horácio ao mencionar os três expoentes da comédia antiga grega – Crátino, Eupolis e Aristófanes –, que teriam, antes de Lucílio, em diverso metro apenas, vituperado os vícios de homens infames:

Quem quer que sejas tu, inspirado pelo audaz Crátino, que empalideces diante do irado Eupólide, junto com o maior de todos eles, olha também essas coisas, se por acaso queres ouvir algo mais encorpado. Quero para mim o leitor que ferva com orelha quente, e não este, que gesticula brincadeiras contra as sandálias dos gregos, sórdido, e que gosta de dizer “ó, caolho” para um caolho. (Pers., I, 123-128)²⁶.

O público capaz de admirar as peças da antiga comédia grega é aquele que o poeta almeja alcançar, afastando a sátira daqueles que gracejam de forma tola, sem associar ao vitupério e ao chiste uma função moral, afeitos a sórdidas brincadeiras, como aquele mencionado por Horácio na sátira I, 4, “que ama provocar soltas risadas”, e deve ser evitado pelos romanos. Pérsio busca por leitores capazes de interpretar sua sátira intensa e condensada. Ao referir-se a esses leitores, o poeta não utiliza a palavra *auris* no diminutivo, como fizera anteriormente (nos versos 108 e 121, mencionados acima) para insinuar mau gosto. Ao combinar *auris* com o adjetivo *vaporata*, aponta para a sagacidade necessária à interpretação de suas sátiras obscuras e deslocadas da moda literária e traça o perfil daqueles que poderão ler suas sátiras.

Libertas

A *libertas*, entendida como liberdade no falar, é característica da poesia de Lucílio, muitas vezes apontada como fruto do período republicano em que viveu aquele poeta. Se Horácio possuía limitações devido a sua origem pouco privilegiada, estava ao menos amparado por participar do círculo de amizade de Mecenas e, conseqüentemente, manter alguma relação de proximidade com o *princeps*. Coviello (2005, p. 238) defende que em Horácio encontramos a moderação da *libertas* luciliana por causa do afastamento da liberdade cívica do primeiro satirista,

²⁶ “*audaci quicumque adflate Cratino/ iratum Eupolidem praegrandi cum sene palles,/ aspice et haec, si forte aliquid decoctius audis/ inde uaporata lector mihi ferueat aure,/ non hic qui in crepidas Graiorum ludere gestit/ sordidus et lusco qui possit dicere ‘lusce,’*” (Pers., I, 123-128).

que promovia ataques ferozes e abertos: “que então eu voe **nele** com os dentes à mostra e olhos caninos” (LUCÍLIO, 1000-1 apud WARMINGTON, 1938, p. 324, grifo nosso)²⁷. Já Anderson (1982, p. 16) defende que Horácio enxerga a *libertas* luciliana como inadequada e irresponsável, sendo a moderação não necessariamente o resultado de uma castração da fala pela censura, mas um fator relevante para a consolidação de um novo estilo para a sátira. Entretanto, a análise das sátiras mostra que a reclamação sobre a “castração” da fala é um elemento presente em Horácio, que recorre a Lucílio para defender o seu direito de falar. Na sátira II. 1, em um diálogo sobre abster-se ou não de escrever sátira, Trebácio alerta o poeta sobre os perigos do gênero:

[Trebácio]: Melhor farias, do que em tristes versos,
Morder um Pantolabo, um Nomentano:
Quem por si teme ainda intacto, odeia
A língua, que, roaz, investe os outros (Hor., S., II, 1, 21-23)²⁸.

Tais versos esbarram, ainda, no tema da seleção da audiência, pois reafirmam a ideia de que o público temeria ser incluído entre aqueles atacados pelo satirista. Horácio responde aludindo a seu antecessor e expressando seu desejo de segui-lo. Aqueles que não estejam arruinados pelo vício não devem temer, pois a invectiva horaciana não incorrerá em causas injustas:

Minha pena porém, sem justa causa,
Ninguém atacará: ela me escuda,
Como guarda a vainha o ferro agudo:
Dele não tira quem ladrões não teme. (Hor., S., II, 1, 39-42)²⁹.

O satirista, entretanto, parece ter consciência do perigo que corre ao insistir na sátira e expressa a preocupação com as consequências de uma possível censura ou retaliação:

²⁷ “*Inde canino ricto oculisque involem*” (Lucílio, 1000-1 apud WARMINGTON, 1938, p. 324).

²⁸ “*Quanto rectius hoc, quam triste laedere versu/ Pantolabum scurram Nomentanumque nepotem,/ cum sibi quisque timet, quamquam est intactus, et odit*” (Hor., S., II, 1, 21-23).

²⁹ “*sed hic stills haud petet ultro/ quemquam animantem et me veluti custodiet ensis/ vagina tectus; quem cur destringere coner/ tutus ab infestis latronibus*” (Hor., S., II, 1, 39-42).

Ó Pai, ó Rei, ó Jove, assim tu façás
Que a ferrugem com a lança inerte acabe,
Sem que me ofenda alguém na paz, que anelo!
Mas não me incite alguém – bem alto o digo,
Se não tem que gemer – e em toda a Roma
Será cantado, e a fábula do Povo. (Hor., S., II, 1, 42-46)³⁰.

Mas o poeta não volta atrás em sua resolução: cantará em seus versos invectivos aqueles que o merecerem, e nem mesmo o exílio – consequência possível para os que desafiam o poder em Roma – o impedirá de prosseguir: “Rico, indigente, em Roma ou desterrado,/ Se a sorte o decretar, qualquer que seja/ O teor da vida, escreverei...” (Hor., S. II, 1, 57-50)³¹.

Diante da forte resolução do poeta em não abandonar a sátira, Trebácio expressa preocupação, insinuando que, como resultado, o satirista pode ganhar o desprezo de algum amigo muito importante ou até mesmo a morte, fruto, talvez, de alguma condenação por infâmia ou vingança. Novamente Horácio recorre ao exemplo de Lucílio para justificar a escrita do gênero: se seu antecessor pôde desmascarar os vícios de homens de renome, tais como Lélío, Metelo e Lupo, assim como atacou gente de menor importância, fiel apenas à virtude e a seus amigos, por que o mesmo não lhe seria outorgado? Trebácio lembra ao amigo que, nos tempos em que vive, há a necessidade de se resguardar, pois “Sabe que há penas/ E acção, contra quem ataca em maus poemas,/ Os seus concidadãos.” (Hor., S. II, 1, 82-83)³². Mas o satirista responde ironicamente, brincando com o sentido do adjetivo *mala*, que é transferido do nível do vitupério para o do estilo:

Embora o punam,
Se é que são maus... porém se forem belos...
Se o virtuoso apupar o indigno, o infame,
Com César por juiz será louvado;
Em riso acabará todo esse pleito;
E tu, em boa paz, te irás absolto (Hor., S. II, 1, 83-86)³³

³⁰ “*o pater et rex/ Iuppiter, ut pereat positum robigine telum,/ nec quisquam noceat cupido mihi pacis! at ille,/ qui me commorit (melius non tangere, clamo),/ flebit et insignis tota cantabitur urbe*” (Hor., S., II, 1, 42-46)

³¹ “*seu me tranquila senectus/ exspectat seu mors atris circumvolat alis,/ dives, inops, Romae, seu fors ita iusserit, exsul,/ quisquis erit vitae scribam color*” (Hor., S. II, 1, 57-59).

³² “*Si mala condiderit in quem quis carmina, ius est iudiumque*” (Hor., S., II, 1, 82-82).

³³ “*Esto, si quis mala; sed bona si quis/ iudice condiderit laudatus Caesare? si quis/ opprobiis*

A sátira estaria livre da censura porque, nela, a virtude aponta o vício em Roma. Sendo Otávio Augusto o *princeps* e, conseqüentemente, o juiz maior, o poeta não teria o que temer, pois estaria diante de um árbitro idôneo que, como tal, só poderá louvar a virtude. A palavra final sobre a sátira, portanto, é apenas o riso da audiência diante do chiste. A problematização da *libertas* em Horácio é uma discussão feita abertamente, e a censura e a retaliação são tratadas direta e extensivamente pelo poeta.

Pérsio, apesar de seus privilégios de nascimento como equestre, gozava aparentemente de ainda menos liberdade de expressão do que Horácio (ROSEN, 2012, p. 22). Nero foi desenhado pela história como um tirano que suprimiu os direitos em Roma e perseguiu seus inimigos; grande parte dos nomes associados a Pérsio pela *Vita Persii* foi acusada de conspirar contra o imperador e condenada ou ao exílio ou à morte, o que de imediato colocaria o satirista em oposição direta ao *princeps*. Entretanto, a morte prematura do poeta se deu ainda no princípio do governo de Nero, quando narrativas favoráveis ao imperador eram ainda muito presentes e não se assinalava tão fortemente a tensão política que marcou os últimos anos de seu principado (FREUDENBURG, 2001, p. 126). O florescimento de uma literatura que retomava os poetas e os gêneros augustanos era patrocinado por Nero, e pode-se dizer que também Pérsio participou desse projeto, junto a Calpúrnio Sículo, Lucano e Césio Basso, ao reanimar a sátira. Mas, ao contrário de Horácio, que recorreu diversas vezes ao nome de Otávio Augusto em seus *Sermones*, não há sequer uma menção direta a Nero na obra de Pérsio.

Se a *libertas* surge como tema central somente na sátira II, 1 de Horácio, em Pérsio a questão se coloca já na introdução da sátira I: “Pois em Roma quem não ... Ah, se fosse permitido dizer... mas é permitido” (Pers, I, 8)³⁴. Ao pedir para que seu interlocutor não dê crédito ao julgamento que a perturbada Roma faz de seus poemas, o satirista interrompe a sua própria fala para considerar o risco a que se exporia ao completar o que iria dizer. Deparamo-nos, então, com uma postura diferente diante da censura: o recuo e a dificuldade de falar (COVIELLO, 2005, p. 245). Depois dessa breve reflexão, porém, o poeta, com ousadia, reivindica sua permissão para se expressar: “*sed fas!*”. Nesse trecho, do primeiro ao décimo segundo verso da Sátira I, Pérsio, ao mesmo tempo, (1) se filia ao gênero pela citação de Lucílio³⁵, (2) aponta para a audiência reduzida da sátira³⁶, (3) ridiculariza

dignum latraverit, integer ipse?/ 'Solventur risu tabulae, tu missus abibis'. (Hor., S. II, 1, 83-86).

³⁴ “*nam Romae quis non – a, si fas dicere – sed faz?*” (Pers., I, 8).

³⁵ O verso “O curas hominum! o quantum est in rebus inane!” (Pers., I, 1) é considerado uma citação direta de Lucílio.

³⁶ “*quis leget haec? min tu istud ais? nemo hercule.*” Tradução: “‘Quantos lerão isto?’ Tu perguntas isso pra mim? Por Hércules, ninguém!” (Pers., I, 2).

os gêneros elevados e a moda literária de sua época³⁷, (4) condena o julgamento e o gosto literário de seus contemporâneos³⁸, (5) problematiza a *libertas*³⁹ e (6) acaba, por fim, em gargalhada⁴⁰, demonstrando já de início o poder de concentração de sentido de sua sátira. Em seguida, ganha vida a cena satírica: a recitação pública, descrita pejorativamente por Pérsio, dá início à sua invectiva contra a degeneração do gosto literário, a ridicularização dos gêneros elevados e a consequente moralidade depravada dos romanos. Pérsio constrói suas críticas com a ajuda de seu interlocutor imaginário, que, no verso 107, interrompe seus contra-argumentos em defesa da literatura rechaçada para alertá-lo: “Mas qual a necessidade de arranhar orelhinhas delicadas com a mordente verdade? Tome cuidado para que as portas dos poderosos não se tornem de repente frias para ti: então a letra canina do nariz ressoa” (Pers., I, 107-110)⁴¹.

Os versos acima retomam o assunto abandonado na introdução: os riscos de dizer a verdade contida na sátira. Há, aqui, alusão à sátira II, 1 de Horácio, pois o interlocutor imaginário de Pérsio prevê para ele consequências parecidas com as mencionadas por Trebácio: a porta de algum amigo-patrono, poderoso e influente, poderá se esfriar para o poeta, o que significa o rompimento da relação entre patrono e cliente. Pérsio conserva a metáfora horaciana da porta que esfria e prossegue aludindo, dessa vez, ao inventor do gênero: a letra canina, a letra “r”, que um cão raivoso enuncia melhor que um homem, é como soa a sátira aos ouvidos dos amigos poderosos, que respondem, como um eco, com o mesmo som, fechando, em seguida, as portas. Em três versos, Pérsio dialoga simultaneamente com Lucílio e com Horácio, amalgamando seus predecessores e transformando-os à sua maneira.

A resposta do poeta é irônica, pois insinua que, para resolver a questão, agirá, então, como um adulator hipócrita. Em seguida, constrói-se uma metáfora para representar a atitude satírica diante da censura: garotos que urinam em locais sagrados, ou seja, intocáveis, como o satirista que desafia a proibição dos discursos com seus poemas invectivos que revelam a verdade sobre a perturbada Roma:

³⁷ “*quare?/ ne mihi Polydamas et Troiades Labeonem/ praetulerint? nugae.*” Tradução: “Por quê? Porque Polidamante e as troianas preferiram Labão a mim? Besteiras!” (Pers., I, 3-5).

³⁸ “*si quid turbida Roma/ elevet, accedas examenve inprobum in illa.*” Tradução: “Se a perturbada Roma desprezar alguma coisa, que tu não aceites o juízo corrupto que vem de tal balança” (Pers., 5-6).

³⁹ “*nam Romae quis non – a, si fas dicere.*” Tradução: “Pois em Roma quem não... Ah, se fosse permitido dizer...” (Pers., I, 8).

⁴⁰ “*ignoscite (nolo,/ quid faciam?) sed sum petulanti splene – cachinno.*” Tradução: “Desculpe! Estou morrendo de rir... Não queria, fazer o que! Tenho o baço petulante!” (Pers., I, 11-12).

⁴¹ “*sed quid opus teneras mordaci radere uero/ auriculas? uide sis ne maiorum tibi forte/ limina frígescant: sonat hic de nare canina/ littera*” (Pers., I, 107-110).

A partir de agora, para mim, tudo está realmente ótimo; nada me preocupa. A todos, bravo! A todos, muito bem! Tudo será maravilhoso! Está bom assim? Tu dizes, “Aqui veto qualquer um que tenha feito imundices”. Pinte duas serpentes: “Crianças, este local é sagrado, mijem lá fora”. Vou-me embora. (Pers., I, 110-114)⁴².

O poeta recorre, assim como Horácio, ao exemplo de Lucílio: se ambos puderam, cada um à sua maneira, apontar o vício em Roma, o mesmo não seria permitido ao satirista de agora? Mesmo que não o faça abertamente como Lucílio, e sim através de um sussurro? Nem se camuflar o vitupério, como fez Horácio, astuto, que tocava o vício com um riso brando?

Lucílio castigou a Cidade, a ti, Lupo, a ti, Múcio, e quebrou neles o molar. O astuto Flaco tocou todo vício do amigo enquanto ele ria e, tendo a permissão, em volta dos corações brincava, habilidoso em suspender o povo no nariz assoado. E me é vetado murmurar? Nem secretamente? Nem num buraco? Em lugar nenhum? Aqui, então, vou enterrar-me. (Pers., I, 114-120)⁴³.

O poeta, então, diz enterrar-se em seu próprio livro de sátiras, talvez o seu verdadeiro interlocutor, que toma, enfim, forma, já que sua mordente verdade fora vetada. E ao livro Pérsio vota o seu segredo, o qual ele tentou enunciar no verso 8, mas abandonou para completar somente agora: “Eu vi, eu mesmo vi, ó, livrinho: qual deles não tem orelhinhas de asno? Eu, esse segredo, esse meu riso, tão barateado, por nenhuma *Iliada* te vendo.” (Pers., I, 120-123)⁴⁴.

A verdade era aquela que se poderia presumir diante da longa descrição que fez o satirista sobre a degeneração moral que desemboca e se revela em mau gosto literário: todos em Roma têm orelhas de asno! E talvez seja, aqui, onde está o poeta enterrado, permitido dizer tal verdade, justamente porque se trata de um segredo confiado ao livro.

Na sátira I, Pérsio trabalhou a questão da liberdade de expressão para o satirista. Mais adiante, na sátira V, a liberdade torna-se um tema central por intermédio da máxima estoica “só os sábios são livres”. A sátira V talvez funcione como uma

⁴² “*per me equidem sint omnia protinus alba;/ nil moror. euge omnes, omnes bene, mirae eritis res./ hoc iuuat? ‘hic’ inquis ‘ueto quisquam faxit oletum. / pinge duos anguis: ‘pueri, sacer est locus, extra/ meitte. ‘discedo’*”(Pers., I, 110-114).

⁴³ “*secuit Lucilius urbem,/ te Lupe, te Muci, et genuinum fregit in illis./ omne uaferrum uitiis ridenti Flaccus amico/ tangit et admissus circum praecordia ludit,/ callidus excusso populum suspendere naso./ me mittire nefas? nec clam? nec cum scrobe? nusquam?/ hic tamen infodiam*” (Pers., I, 114-120).

⁴⁴ “*uidi, uidi ipse, libelle:/ auriculas asini quis non habet? hoc ego opertum,/ hoc ridere meum, tam nil, nulla tibi uendo/ Iliade*” (Pers., I, 120-123).

resposta à censura e à retaliação de que fala a sátira I: a verdadeira liberdade não pode ser castrada, pois a definição da maioria sobre o conceito do que é ser livre está equivocada. Em seu diálogo com Cornuto, Pérsio sugere que ambos conversam afastados da multidão: “Estamos falando em segredo” (Pers., V, 21)⁴⁵. A decisão de se afastar liga-se tanto à questão da seleção da audiência (“essa poesia tem público selecionado”) quanto à da *libertas* (“é melhor que não conversemos sobre isso em público”). Pérsio apresenta suas credenciais morais ao referir-se ao treinamento estoico que começou ainda jovem sob a tutela de Cornuto e, depois de novamente retomar a questão da virtude associada ao estilo e marcar seu distanciamento da épica e da tragédia, inicia a sua longa diatribe sobre a verdadeira liberdade.

O primeiro ponto destacado pelo satirista é a falsidade da definição usual da liberdade como oposto da escravidão, no sentido legal e físico:

A liberdade é necessária, não aquela, que em Velina cada Públio ganhou: o vale que ao cereal velho dá direito. Ai! Estéreis da verdade! Para os quais um giro faz um Quirite! Este Damas é um cocheiro inútil, remeloso por causa de vinho barato e fraudulento com pequenas porções de ração. Que neste o dono tenha dado a volta, do movimento do redemoinho sai Marco Damas. Incrível! (Pers., V, 73-79)⁴⁶.

Nesse ponto, Pérsio faz referência ao ritual de manumissão através do qual os escravos se tornavam libertos: como parte da cerimônia, depois de ser tocado pela *vindicta* do magistrado, o escravo deveria dar um giro, simbolizando a mudança de sua condição para liberto. Pérsio, entretanto, mostra que a aquisição da liberdade civil não torna o ex-escravo um homem verdadeiramente livre: o exemplo é Damas, escravo inútil, beberrão e desonesto que ganha o prenome Marco depois do ritual. Mas apesar de ser agora um homem livre, Marco Damas continuará beberrão e desonesto, o que ainda fará dele um escravo: não um servo jurídico, submetido a um cidadão romano, mas um escravo de seus vícios. Pérsio personifica vícios como a avareza, a luxúria e a ambição para ilustrar ainda melhor como os homens podem ser considerados escravos dessas “senhoras” e, em seguida, mostra outros vícios aos quais os homens estão submetidos, como a superstição. A metáfora da cadela fugitiva traz consigo a noção de que, mesmo rompida a corrente da escravidão física, a coleira continua ainda presa ao pescoço: “também a cadela esforçada arranca o nó, mas também ela, quando foge, traz boa parte da corrente no pescoço”

⁴⁵ “*secrete loquimur*” (Pers., V, 21).

⁴⁶ “*libertate opus est. non hac, ut quisque Velina/ Publius emeruit, scabiosum tesserula far/ possidet. heu steriles ueri, quibus una Quiritem/ vertigo facit! hic Damas est non tresis agaso,/ vappa lippus et in tenui farragine mendax./ verterit hunc dominus, momento turbinis exit/ Marcus Damas. papae!*” (Pers., V, 73-79).

(Pers., V, 159-160)⁴⁷. E no escravo Davo, que desafia o patrão e aponta para o seu vício ao sucumbir diante da luxúria, o estoico encontra a verdadeira liberdade: “Aqui, aqui o que procuramos, aqui está, não em uma varinha que um litor imbecil balance” (Pers., V, 174-175)⁴⁸. Por intermédio da sátira V, Pérsio traz para o gênero uma nova concepção de *libertas*: para os vícios elencados nas sátiras anteriores, a cura é a sabedoria trazida pelo estoicismo.

Latinitas

Desde Lucílio, a sátira trazia como um de seus principais tópicos a crítica ao filelismo que inundava Roma: condenações ao uso excessivo de termos gregos e até mesmo a paródia dos gêneros elevados, importados da Grécia, indicam uma rejeição da invasão estrangeira em prol da identidade romana. Tal postura não sinaliza uma negação total da cultura helênica, mas aponta para uma valorização da romanidade e aparece também em Horácio e Pérsio. O fragmento 87-93 de Lucílio versa justamente sobre a ridicularização da mania de usar palavras gregas. Horácio evitou em suas sátiras a utilização de helenismos (RUDD, 1973, p. 8) e criticou aqueles que se esforçavam para aumentar a “turba imensa dos poetas gregos”⁴⁹. Pérsio também adere à *latinitas* satírica e, assim como seus predecessores, critica o filelismo: “Eis como há pouco ensinamos àqueles acostumados a dizer besteiras em grego a expressarem sentimentos heroicos” (Pers., I, 69-70)⁵⁰.

Também o Prólogo de Pérsio pode ser interpretado como uma manifestação da *latinitas* do autor: encontramos, em primeiro lugar, a negação da mitologia⁵¹, que dá forma aos gêneros elevados gregos como a épica e a tragédia. Para Coviello (2005, p. 235-236), o mitológico seria encarado como um fator helenizante e, portanto, a valorização da vida cotidiana apontaria para a afirmação da romanidade. O poeta se opõe ao modelo inspirado nas musas e se declara um *semipaganus*, associando-se à *rusticitas*, que se liga à identidade dos primeiros romanos. Ao declarar-se um semirrústico, Pérsio associa-se aos seus antepassados e alega que ele mesmo levará para os vates o *carmen nostrum*. O uso do pronome possessivo na primeira pessoa do plural parece fazer coro com a afirmação de Quintiliano sobre a natureza genuinamente romana da sátira: *tota nostra est* (Inst. Or., X, 1, 93). O canto que

⁴⁷ “*nam et luctata canis nodum abripit, et tamen illi, / cum fugit, a collo trahitur pars longa catenae*” (Pers., V, 159-160).

⁴⁸ “*hic hic quod quaerimus, hic est, / non in festuca, lictor quam iactat ineptus*” (Pers., Sat V, 174-175).

⁴⁹ “*é doído aquele, / Que a turba imensa dos poetas gregos / Quer ainda aumentar*” (Hor., S. I.10, 28-35).

⁵⁰ “*ecce modo heroas sensus adferre docemus / nugari solitos Graece*” (Pers., I, 69-70).

⁵¹ No Prólogo, essa negação pode ser observada tanto pelo desmerecimento da fonte de Pégaso (v. 2) quanto pelo abandono do Hélicon (v. 4), do Parnaso (v. 2) e das musas (v. 4).

Pérsio leva aos vates é, portanto, “nosso”, porque, diferentemente dos poemas fundados em temas mitológicos, não pertence aos gregos, mas aos romanos.

A valorização da romanidade em Pérsio também pode ser observada na segunda sátira, quando a simplicidade da devoção nos tempos mais antigos do Lácio é evocada em contraposição ao luxo que cobria então os templos romanos: “O ouro tem afastado os vasos de Numa e os bronzes satúrnios e também corrompido as urnas das vestais e a argila dos etruscos” (Pers., II, 59-60)⁵². A referência a Numa Pompílio, o segundo rei de Roma, caracterizado pela sua preocupação com a paz e a religião, resgata os valores dos cultos do antigo Lácio, quando este ainda não estava corrompido pela voraz influência estrangeira. Após a alusão a Numa Pompílio e a outros ícones dos primórdios do povo romano, como as vestais e os etruscos, Pérsio critica justamente a atitude insensata dos fiéis que oferecem aos deuses aquilo que é objeto de suas próprias ambições, ignorando a essência diferenciada das divindades, que não se interessam por aquilo que é humano: “Ó, almas curvadas na terra e vazias de coisas celestes, de que serve introduzir os nossos costumes nos templos e levar para os deuses coisas que vem dessa nossa carne profana?” (Pers., I, 61-63)⁵³. Os cidadãos teriam desaprendido as lições dos antepassados, as mais genuínas, que se associam à fundação de Roma. O ouro afastaria, portanto, a própria romanidade.

De certa forma, a sátira sugere que a verdadeira forma de cultuar os deuses era corretamente assimilada pelos antigos romanos, cujos costumes estavam sendo renegados pelos contemporâneos do poeta. Um dos caminhos para ofertar aos deuses “o direito e a lei divina em harmonia na alma, os sagrados retiros da mente e um peito mergulhado em generosa honestidade” (Pers., II, 73-74)⁵⁴ era, portanto, o resgate daquilo que era genuinamente romano.

Conclusão

Pérsio escreve, como observou Hooley (2007, p. 89), “sobre linhas horácianas”, resgatando temas e situações semelhantes, assimilando profundamente a sátira de Horácio. Uma leitura de Pérsio que não tenha passado por Horácio sem dúvida deixará escapar uma infinidade de sentidos construídos através do diálogo indireto que o poeta promove com seu antecessor imediato. Esse procedimento alusivo, entretanto, não se constrói apenas de consonâncias: pode-se dizer que Horácio

⁵² “*aurum uasa Numae Saturniaque inpulit aera/ Vestalisque urnas et Tuscum fictile mutat*” (Pers., II, 59-60).

⁵³ “*o curuae in terris animae et caelestium inanis,/ quid iuuat hoc, templis nostros inmittere mores/ et bona dis ex hac scelerata ducere pulpa?*” (Pers., II, 61-63).

⁵⁴ “*conpositum ius fasque animo sanctosque recessus/ mentis et incoctum generoso pectus honesto*” (Pers., II, 73-74)

se torna um ponto de partida para um contraponto, ou uma contra imagem, determinando a direção, muitas vezes simplesmente oposta, mas, na maioria das vezes, mesclada, complexa, que será adotada por Pérsio.

Embora a sátira de Pérsio contrarie explicitamente em muitos aspectos o programa estilístico construído por Horácio nos *Sermones*, não há em sua obra o ataque direto aos poetas satíricos anteriores, e, assim, o autor não perpetua a posição horaciana de discussão programática direta do gênero em relação a Lucílio. Pérsio claramente se diferencia do modelo horaciano e defende a *rusticitas*, condenada por seu antecessor como deselegante, mas não promove um embate aberto, fazendo críticas pontuais ou citando o nome de Horácio com esse objetivo. Encontramos, antes, uma deformação silenciosa, mas não sutil, do modelo e uma desfiliação de certos ideais estéticos defendidos por Horácio por intermédio de trechos como o verso 14 da sátira V⁵⁵, que retoma os versos 46-48⁵⁶ da *Arte Poética*: Pérsio declara ser seguidor do estilo prosaico – defendido por Horácio nos *Sermones* – através da expressão *verba togae sequeris* –, mas acrescenta o adjetivo *acer* à *callida iunctura*, promovendo uma revisão da passagem horaciana e apontando para as *acres iuncturae* que caracterizam o seu próprio estilo, que se contrapõe ao de seu antecessor.

Pérsio oferece um novo estilo para a sátira em sua emulação da tradição, perpetuando temas recorrentes, como a delimitação da audiência, a *libertas* e a valorização da romanidade e da *latinitas*. Assim como Horácio, Pérsio aponta para a audiência restrita de sua sátira e alude aos autores da comédia antiga grega para desenhar o seu público ideal. Ao problematizar a censura e a liberdade de expressão do satirista, parece utilizar como recurso à retaliação a própria restrição da audiência, guardando seus segredos em um livro, ou a estratégia estilística da obscuridade, que tornaria sua sátira densa e difícil para a maioria dos leitores, camuflando a verdade que seu livro esconde e que será oferecida apenas para os ouvintes mais perspicazes. A negação da cultura grega e, conseqüentemente, dos gêneros que a ela se associam é uma tônica de sua sátira, que aproxima a romanidade da rusticidade (a *latinitas* à *rusticitas*), opondo-se à urbanidade horaciana. Pérsio promove, por meio de seu estilo e também da abordagem diferente de alguns tópicos, como a filosofia, uma deformação do modelo horaciano. Em suas mãos, portanto, a tradição satírica ganha novas feições, tendo Pérsio contribuído para a construção do gênero, imprimindo ainda mais importância à valorização da moralidade e ao

⁵⁵ “*verba togae sequeris iunctura callidus acris*” (Pers., V, 14). Tu segues palavras de toga, hábil com a aguda articulação das palavras.

⁵⁶ “*In uerbis etiam tenuis cautusque serendis/ dixeris egregie, notum si callida uerbum/ reddiderit iunctura nouum.*” Tradução de Mauri Furlan (1998): “Delicado e cauto também ao juntar palavras, te expressarás distintamente se, por combinação engenhosa, uma palavra conhecida produzir uma nova”.

caráter didático da sátira, elementos que serão fundamentais para a sátira romana posterior, como a de Juvenal.

CASTRO, M. B.; LEITE, L. R. Rereading tradition in Persius' satires. **Itinerários**, Araraquara, n. 45, p. 235-254, jul./dez. 2017.

■ **ABSTRACT:** *This paper investigates how Persius, Roman author from the Neronian period commonly characterized as obscure and neglected by the critics, offers in his *Saturae* a new style for the genre Satire, in which he emulates traditional themes shared by Lucilius and Horace, such as the delimitation of the audience, the libertas, and the latinitas. It also aims at reinforcing that the study of Persius' poetry and his reinterpretation of tradition is fundamental for the understanding of the development of Satire as a genre in Rome, creating elements that will be fundamental for later satirists.*

■ **KEYWORDS:** *Horace. Lucilius. Persius. Satire. Tradition.*

REFERÊNCIAS

ANDERSON, W. **Essays on Roman satire**. Princeton: Princeton University, 1982.

BO, D. **Auli Persii Flacci Lexicon**. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967.

CESILA, R. T. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. 2004. 392 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

COVIELLO, A. L. **La sátira romana: género de fronteras y antitexto en Horacio y Persio**. 2005. 366 f. Tese (Doutorado em Filologia) – Departamento de Filologia Latina, Universidade de Barcelona, Barcelona, 2005.

FISKE, G. Lucilius and Persius. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, v. 40, p. 121-150, 1909.

_____. **Satires of Rome**. Cambridge: Cambridge University, 2001.

FURLAN, M. **Ars traductoris, questões de leitura: tradução da *Ars Poetica* e Horácio**. 1998. 120f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

HANSEN, J. A. Anatomia da Sátira. In: VIEIRA, B. V. G.; THAMOS, M. (Org.). **Permanência clássica: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana**. São Paulo: Escrituras, 2011. p. 145-170.

- HOOLEY, D. M. **Roman satire**. Oxford: Blackwell, 2007.
- HORACE. **Satires, Epistles and Ars Poetica**. Edited by Jeffrey Henderson and translated by H. Rushton Fairclough. Londres: Harvard University, 1929 (*The Loeb Classical Library*).
- HORÁCIO. **Arte Poética**. Tradução de Mauri Furlan. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. Disponível em: <<http://www.nucleodelatim.ufsc.br/wp-content/uploads/2012/05/5.b.-Ars-Poetica.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2014.
- HORÁCIO; OVÍDIO. **Sátiras. Os fastos**. Traduções de António Luís Seabra e António Feliciano de Castilho; prefácio de João Batista Melo e Sousa. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1970. v.4 (*Clássicos Jackson*).
- JUVENAL; PERSIUS. **Juvenal and Persius**. Edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge: Harvard University, 2004.
- KNIGHT, C. **The literature of satire**. New York: Cambridge University, 2004.
- MORFORD, M. **Persius**. Boston: Twayne Publishers, 1984.
- OLIVA NETO, J. A. Riso invectivo vs. Riso anódino e as espécies de iambo, comédia e sátira. **Letras clássicas**, n. 7. São Paulo: 2003, p. 77-98.
- PERSIO. **Sátiras**. Introducciones generales de Manuel Balasch y Miguel Dolç introducciones particulares, traducción y notas de Manuel Balasch. Madrid: Gredos, 1991.
- PERSIUS ET IVVENALIS. **Satvrae**. Edidit brevique adnotatione critica denovo instrvxit W.V. Clausen. New York: Oxford University, 1992 [1ª edição: 1959].
- QUINTILIAN. **Instituto oratoria**. Edited by H. E. Butler. Londres: Harvard University, 1921. 4 v. (*The Loeb Classical Library*).
- ROSEN, R. Satire in the Republic: from Lucilius to Horace. In: BRAUND, S.; OSGOOD, J. (Ed.). **A companion to Persius and Juvenal**. Oxford: Blackwell, 2012. p. 19-40.
- RUDD, N. **The Satires of Horace and Persius**. New York: The Penguin Books, 1973.
- TZOUNAKAS, S. Persius on his predecessors: a re-examination. **The Classical Quarterly**, v. 55, n. 2, p. 559-571, 2005.
- WARMINGTON, E. H. **Remains of old Latin: Lucilius. The Twelve Tables**. Londres: Harvard University, 1938. v. 3 (*The Loeb Classical Library*).
- WIEDEMANN, T. The patron as banker. In: LOMAS, K.; CORNELL, T. (ed.). **Bread and Circuses: Euergetism and municipal patronage in Roman Italy**. Londres: Routledge, 2003. p. 12-27.

